



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

### COZINHEIRAS, FIANDEIRAS, GOMADEIRAS: A ESCRAVA NA IMPERIAL VILA DA VITÓRIA – SÉCULO XIX

Eliana Pólvora Dias<sup>222</sup>  
(UESB)

Washington Santos Nascimento  
(UESB)<sup>223</sup>

#### RESUMO

Este trabalho pretende analisar a presença da escrava na Imperial Vila da Vitória (atual Vitória da Conquista) durante a segunda metade do século XIX. Depois de fazer uma breve discussão sobre a mulher negra no século XX, centramo-nos na análise da presença feminina negra no século XIX, centrando em aspectos como os seus ofícios, as doenças a que estavam mais suscetíveis e quanto valia uma escrava na Imperial Vila da Vitória.

#### INTRODUÇÃO

Vitória da Conquista é um município do Estado da Bahia, com uma altitude de 9.23 metros acima do nível do mar. Sua população estimada em 2005 é de 285.927 habitantes. Possui uma área de 3.743Km<sup>2</sup>. A origem do núcleo populacional está relacionada à busca de ouro, à introdução da atividade pecuária e ao próprio interesse da metrópole portuguesa em criar um aglomerado urbano entre a região litorânea e o interior do Sertão. Portanto, integra-se à expansão do ciclo de colonização dos fins do século XVIII.

Conquista durante o período de colonização, viveu às custas do povo negro, sendo ele o sustentáculo da economia da colônia de uma forma geral, tendo, a

---

<sup>222</sup>Discente do curso de História, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra/Museu Pedagógico – UESB.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

mulher negra, uma imensa relevância na formação dessa cidade, no entanto, viveu sempre à margem dos homens, numa situação de desprezo absoluto. Observada a ausência de uma história que aprofundasse e valorizasse a existência, importância e dignidade da mulher negra, que pudesse mostrar à sociedade atual a força da negra, enquanto mulher, mãe, base da família, (que muitas vezes constitui delas mesmas e de seus filhos) é que se fez necessário uma investigação, uma busca por essa história, de luta, força e trabalho, da mulher negra em Vitória da Conquista.

As mulheres conquistenses tiveram um papel importantíssimo na vida cultural, política e social do Arraial até a emancipação da cidade, em 1891. Mulheres como Eufrosina Oliveira Freitas Trindade, mais conhecida como Fulô do Panela (que ficou marcada como um ícone para a presença negra no interior, em fins do século XIX e início do XX) e Maria Rogaciana da Silva (que atuou com muita força nas lutas políticas conquistenses no século XX) são duas entre tantos nomes que foram sinônimo de coragem, caridade e determinação. Portanto, são dignas de nota essas duas senhoras, pois além de enfrentar o preconceito de uma época (século XIX), quando o homem era quem tinha a autonomia sobre tudo, elas eram negras, carregavam na pele o fardo da sua cor, entretanto, se fizeram respeitar. Autores como: Israel Araújo Orrico,<sup>224</sup> Mozart Tanajura,<sup>225</sup> Aníbal Lopes Viana,<sup>226</sup> que escreveram a história de Vitória da Conquista não deixaram de citar a vida e, principalmente, a importância de Eufrosina e Maria Rogaciana para a comunidade conquistense. Apesar de falar da relevância dessas duas mulheres para a cidade de Vitória da Conquista, eles deixam transparecer nos seus livros aquela velha idéia de que a mulher é quem tenta o homem e o seduz, a Eva, e, no caso da negra, muito pior, porque persiste o pensamento de que a negra foi feita para o sexo, na medida da lassidão.

---

<sup>223</sup> Professor do Departamento de História e Coordenador do Grupo de Estudos em História da África e da América Negra/Museu Pedagógico/UESB. Email: washington\_docencia@yahoo.com.br

<sup>224</sup> ORRICO, Israel Araújo. Mulheres que fizeram História em Conquista. 1982.

<sup>225</sup> TANAJURA, Mozart. **História de Conquista**: Crônica de uma cidade. 1992.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

Fulô do Panela, casou-se três vezes: a primeira vez com o italiano Francisco Pascoal; a segunda, com o coronel Gugé; a terceira, com o português, Alfredo Trindade. Fulô foi uma católica fervorosa, ao ponto de tentar impedir a abertura da primeira Igreja Batista na cidade, criando muitos conflitos e enfrentando as imposições dos homens mais influentes de Conquista, ordens novamente enfrentadas, quando ela acolhe feridos da guerra entre Peduros e Meletes em 1919 (grupos que se atacavam e disputavam, dentre outras coisas, a autoridade na cidade).

Em dado momento, Fulô Roxa soube que Tibúrcio Freitas fora atingido por terrível balaço. Levou-o para a casa e ali, cuidaria dele e passaria o ferimento. [...] De repetição em punho, Euflozina postou-se à porta e mandou avançar o primeiro que estivesse disposto a morrer. Aquela turma valente, afeita à luta, viu-se diante de um inimigo inesperado: uma mulher. Mas que mulher! Por fim, o grupo retirou-se. (ORRICO, 1982, p.173).

Maria Rogaciana da Silva nasceu em liberdade (Lei do ventre livre), mas seus irmãos sofreram no trabalho escravo, esse talvez tivesse sido o principal motivo do seu empenho na abolição da escravatura e, posteriormente, da gratidão e devoção à princesa Isabel, a quem Maria Rogaciana homenageava todo ano, no dia 13 de maio em passeatas cívicas, que ela organizava com donativos da comunidade. Depois vinha o baile com as pessoas ilustres da cidade, em que negro não entrava, só ela, pois tinha educação para estar naquele meio.

Não deixava preto entrar ou tomar parte no baile, o que era paradoxal, dizendo que ela era preta, porém não gostava de negro, que na maioria era mal educado... (VIANA, 1982, p.406).

Maria Rogaciana, quando escolhe os que iriam participar da festa fechada

---

do 13 de maio e deixa os negros de fora - os principais interessados no festejo - não exclui simplesmente seus irmãos de cor, ela se porta como defensora, a única capaz de falar com os brancos de igual para igual na defesa das questões dos negros, já que estava inserida no mundo dos brancos.

Fulô e Maria Rogaciana foram, na realidade, o retrato fiel da inserção dos indesejados, numa sociedade excludente, mas que teve que aceitá-las, mesmo porque precisavam delas, um exemplo disso, foi a enorme quantidade de chamados para Fulô exercer o seu dom de parteira.

Além da prestatividade, ela não era qualquer mulher, era uma comerciante e possuidora de terras, “todas as portas da cidade abriam-se de par em par. Para isso, contribuía o fato de ela ser muito prestativa, empreendedora e excelente parteira”. (ORRICO, 1982, p.171).

A escravidão deixou marcas profundas, até para quem não a vivenciou concretamente, Eufrosina, Maria Rogaciana e tantas outras resistiram à discriminação, adentrando na sociedade, fazendo parte do “melhor meio”, camuflando a rejeição, fazendo-se necessárias, lutando para o bem comum.

Se em Vitória da Conquista, são facilmente encontradas referências sobre as mulheres do século XX, o mesmo não acontece com a documentação das mulheres do século XIX, as que viveram nesse século ficaram esquecidas, dado a grande falta de registros mais precisos sobre elas e os que existem foram escritos por homens imbuídos de um preconceito próprio da sua época, daí a urgência de reescrever essa história, das massas, dos esquecidos, da mulher negra.

A partir da vontade de conhecer a vida, o trabalho, as relações sociais e políticas da mulher negra de Vitória da Conquista, em meados do século XIX, foram de grande importância.

Uma investigação histórica no Arquivo do Fórum João Mangabeira, possibilitou que fossem encontrados muitos documentos que foram esclarecedores a respeito da economia da cidade e, principalmente, da mulher

conquistense.

Foram analisados 64 inventários (documento que discrimina os bens do inventariante para um posterior testamento), do período de 1860 a 1887. Neles, aparece uma quantidade equiparada entre homens e mulheres.

| <b>ESCRAVOS EM VITÓRIA DA CONQUISTA 1860-1887</b> |     |
|---|-----|
| Homens  | 127 |
| Mulheres  | 121 |
| Total   | 248 |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira-Vitória da Conquista/BA.

A partir desses dados quantitativos é possível entender que tenha havido um crescimento das famílias escravas ou, talvez, esses fazendeiros tenham mesmo escolhido a compra equivalente de negros e negras (diferente da maioria dos latifundiários da época, que preferiam comprar homens negros, fortes para o trabalho). O fato é que a cidade de Vitória da Conquista teve uma grande quantidade de negras, as quais difundiram a cultura africana e fundamentaram a miscigenação.

É de tal forma fundamentada pelos inventários a miscigenação que a quantidade de escravas relacionadas como africanas é irrisória diante da quantidade de crioulas, cabras e pretas.

| <b>COR DAS MULHERES 1860-1887</b> |     |
|-----------------------------------|-----|
| Crioulas                          | 34  |
| Cabras                            | 30  |
| Pretas                            | 10  |
| Africanas                         | 8   |
| Fulas                             | 3   |
| Não identificadas                 | 85  |
| TOTAL                             | 121 |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira-

Vitória da Conquista/BA.

Em Vitória da Conquista, ao que tudo indica, em meados do século XIX, já existia uma integração (forçada ou não) entre todas as etnias que viviam na cidade. As negras foram obrigadas, em muitos casos, a saciar os desejos dos senhores, enquanto as senhorinhas brasileiras se mantinham virgens para o casamento, esse é um fato recorrente na escravidão brasileira.

[...] a pureza das senhoras brasileiras do tempo da escravidão, que muita dessa castidade e dessa pureza manteve-se à custa da prostituição da escrava negra; à custa da tão caluniada mulata; à custa da promiscuidade e da lassidão estimulada das senzalas pelos próprios senhores brancos. (FREIRE, 1980, p. 450).

Assim como os homens negros mais novos sempre foram os escolhidos na hora da compra, com as mulheres acontecia o mesmo, novas, fortes e viçosas, elas foram a maioria da população negra feminina em Vitória da Conquista.

| <b>IDADE/QUANTIDADE DAS NEGRAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA 1860-1887</b> |     |
|--|-----|
| De 0-10  | 20  |
| De 10-20   | 26  |
| De 20-40   | 30  |
| De 40-60   | 10  |
| Acima de 60  | 4   |
| Não identificadas  | 31  |
| TOTAL  | 121 |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira-Vitória da Conquista/BA.

As negras serviam para todo o tipo de trabalho, até mesmo nas roças, apesar de seus serviços serem mais requisitados nas casas-grandes, junto às famílias, ora fazendo trabalhos domésticos, ora cuidando dos filhos das sinhás,

ninando, limpando-os ou amamentando-os. Os inventários analisados não foram muito fiéis na descrição do trabalho realizado, deixaram, em muitos casos, de revelar a atividade do escravo ou escrava. Sobretudo aparecem, com certa frequência, o trabalho na lavoura e o trabalho doméstico, mas também o trabalho de cozinheira, fiandeira, costureira e gomadeira.

| <b>TRABALHO EXERCIDO PELAS NEGRAS 1860-1887</b> |            |
|---|------------|
| Lavoura   | 11         |
| Doméstico                                       | 11         |
| Cozinheira                                      | 1          |
| Fiandeira                                       | 2          |
| Costureira                                      | 1          |
| Gomadeira                                       | 1          |
| De qualquer trabalho                            | 10         |
| Não identificadas                               | 86         |
| <b>TOTAL</b>                                    | <b>121</b> |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira - Vitória da Conquista/BA.

Atividades exercidas pelas mulheres, podem ter sido para o uso familiar dos senhores ou talvez elas tenham sido escravas de ganho, vendiam seus produtos e devolvia o dinheiro ao seu senhor. Esse trabalho de ganho é percebido em muitas regiões do país. Eduardo da França Paiva, quando analisa a mulher negra na sociedade mineira, revela também esse tipo de escravidão, entretanto, relata que, em muitos casos, essa atividade servia para propiciar a alforria das escravas, pois era um meio para que elas pudessem juntar o valor da liberdade da sua família e a sua própria e pagar aos seus donos. Mesmo porque desobedecer era motivo para nunca conseguir a tão sonhada liberdade. Servir sem reclamar, possivelmente, deveria ser uma estratégia sagaz para a libertação do sistema escravocrata. Dessa maneira, muitas negras colocam o tabuleiro na cabeça e vendiam os quitutes quase sempre produzidos pelas suas senhoras.

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

As atividades comerciais, principalmente os tabuleiros e as vendas de secos e molhados, estiveram concentradas nas mãos das negras, ora menos, ora mais intensamente, em ambientes urbanos, até o final do período colonial. [...]. (PAIVA, 1995, p.130).

Na cidade de Vitória da Conquista, no século XIX, aparece nos inventários uma quantidade considerável de filhos de escravos (sendo que as meninas estão em maior número).

| <b>CRIANÇAS NEGRAS ABAIXO DOS 12 ANOS 1860-1887</b> |           |
|---|-----------|
| Meninos   | 24        |
| Meninas   | 35        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>59</b> |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira-Vitória da Conquista/BA.

Dando a entender que houve a formação de famílias ou de relações incentivadas pelos senhores para o aumento dos trabalhadores e do seu lucro.

[...] Mães e filhos num mesmo plantel, na hipótese da ausência paterna, resultava numa provavelmente lucrativa renovação do conjunto de trabalhadores e numa exploração de mão de obra infantil desde muito cedo. [...]. (PAIVA, 1995, p.121).

Os pontos indicados por Eduardo França Paiva, como possibilidades para formação de núcleos familiares são, de fato, relevantes. Um aumento da quantidade de escravos para os senhores era muito importante. No entanto,

Robert W. Slenes,<sup>227</sup> em seu texto: *Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no século XIX*, expõe um fator de extrema importância, a quantidade de escravos num plantel é que indicava se haveria ou não uniões familiares. Segundo ele, plantéis pequenos indicavam pouca possibilidade de formação de famílias, mas elas sempre existiam, mesmo diante de práticas poligâmicas, normais em algumas regiões da África, o casamento entre escravos, no Brasil, era sim uma grande realidade.

O que os estudos recentes *sim* indicam é que o peso da escravidão, o desequilíbrio numérico entre os sexos e a possível 'sobrevivência' de normas favoráveis à poligamia, não destruíram a família negra como instituição. (SLENES, 1988, p.195).

Apesar do trabalho forçado e intenso como presumia toda a escravidão no Brasil, onde homens, mulheres e crianças sofriam sem recompensa, os inventários analisados não dão muitas informações de doenças, as que são relatadas são poucas, o que torna difícil uma análise mais detalhada, além de que, a quantidade de documentos observados não dá total firmeza para uma veemente explicação, no entanto, a partir dos documentos estudados, pode-se presumir que as doenças eram constantes entre a população negra conquistense, em especial, entre as mulheres.

| <b>DOENÇAS ENTRE A POPULAÇÃO NEGRA 1860-1887</b> |          |        |
|--|----------|--------|
| Doenças observadas                               | Mulheres | Homens |
| Aleijados  | 1        | 1      |
| Muda-surda                                       | 1        |        |
| Alienação mental                                 | 1        |        |
| Inflamação no                                    | 1        |        |

<sup>227</sup> SLENES, Robert W. *Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família escrava no Século XIX* IN: Revista Brasileira de História. Edição Especial, Escravidão, São Paulo, ANPUH/Março, vol. 8, n. 16, 1988.

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

|                         |     |     |
|-------------------------|-----|-----|
| fígado                  |     |     |
| Inflamação no peito     |     | 1   |
| Tuberculose             |     | 1   |
| Doente                  |     | 1   |
| Defeituoso de uma perna |     | 2   |
| Quebrado                |     | 2   |
| Rendido das virilhas    |     | 1   |
| Muito doente            |     | 1   |
| Não identificados       | 117 | 117 |
| TOTAL                   | 121 | 127 |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira-Vitória da Conquista/BA.

É interessante observar que nenhuma doença sexualmente transmissível foi relatada nos inventários, talvez seja pela fixação de escravos no território conquistense ou, melhor dizendo, de todo o território que se encontrava distante do litoral e da grande troca de escravos, como explica Gilberto Freire, ao falar do sertão e da pouca sifilização, ao contrário do que acontecia no litoral, não que os escravos fossem os vetores das doenças sexuais nos senhorzinhos, mas distribuíam as doenças recebidas, já que, para os seus donos, o sexo fazia parte do pacote, era como um dever da escrevinha servir a todos os anseios do seu senhor.

[...] Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, aos rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. [...]. (FREIRE, 1980, p.317).

O fato é que a cidade de Vitória da Conquista teve uma boa quantidade de negras que participaram na formação e criação de muitos brancos. Nas

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

experiências sexuais, ainda é difícil relatar, mas a constatação de pouco trânsito de escravos nas regiões distantes do litoral é coerente, como é o caso de Conquista, dada a grande possibilidade de vários núcleos familiares negros, bem como o valor desses negros e, principalmente, das mulheres, visto que nas regiões litorâneas, além de não ser maioria, o valor das negras era infinitamente inferior aos homens.

| <b>VALOR DAS NEGRAS EM VITÓRIA DA CONQUISTA 1860-1887</b> |                     |                     |
|---|---------------------|---------------------|
|   | MULHERES            | HOMENS              |
| De 02 aos 30 anos   | 500H000 à 1:300H000 | 400H000 à 1:400H000 |
| Acima dos 30 anos   | 500H000 à 5H000     | 1:000H000 à 10H000  |
| TOTAL   | 121                 | 127                 |

Fonte: Inventários da Imperial Vila da Vitória. Arquivo do Fórum João Mangabeira-Vitória da Conquista/BA.

Fica claro que a importância maior recaía sobre a idade, quanto mais nova a escrava, melhor, pois desempenharia o trabalho com mais agilidade e força do que uma negra com mais idade. Na descrição nos inventários aparece um caso em que nem mesmo foi colocado o nome da escrava, somente escrava velha, uma escrava africana que tinha 70 anos.

As mulheres negras, em especial, as de Vitória da conquista no século XIX, deram o seu suor, participaram com sua força da formação da cidade e estão presentes em cada canto, nas feições dos conquistenses, nos gostos, na cultura da população, a qual, infelizmente, na sua maioria, não tomou conhecimento dessa realidade.



ISSN: 2175-5493

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

**REFERÊNCIAS**

- FREIRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**, 20ª edição. Rio de Janeiro, 1980.
- ORRICO, Israel Araújo. **Mulheres que fizeram História em Conquista**. 1982
- PAIVA, Eduardo França. **Escravos e Libertos nas Minas gerais do século XVIII**: estratégias de resistência através dos testamentos. São Paulo, Annablume, 1995.
- SLENES, Robert W. **Lares Negros, Olhares Brancos**: Histórias da Família escrava no Século XIX IN: Revista Brasileira de História. Edição Especial, Escravidão, São Paulo, ANPUH/Março, vol. 8, n. 16, 1988.
- TANAJURA, Mozart. **História de Conquista**: Crônica de uma cidade. 1992.
- VIANA, Aníbal Lopes. **Revista Histórica de Conquista**. Vol I.